

## ESPAÇO SAGRADO, CORPOS SEPARADOS: UM OLHAR PARA MORTE E OS MORTOS EM MARECHAL DEODORO (AL), SÉCULOS XVII-XIX

SACRED SPACE, SEPARATE BODIES: A LOOK AT DEATH AND THE DEAD IN MARECHAL DEODORO (AL), SEVENTEENTH-NINETEENTH CENTURIES

Jerferson Ferreira da Silva <sup>i</sup>

**Resumo** Este estudo tem como proposta apresentar dados das escavações arqueológicas realizadas no sítio da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, na cidade de Marechal Deodoro (AL), a fim de refletir, por meio das evidências empíricas e das informações contidas nos relatórios técnicos, sobre os elementos de segregação presentes também nos ritos de inumação. A análise dos sepultamentos evidencia que as práticas religiosas católicas atuavam como mecanismos simbólicos de exclusão, apagando a memória de grupos historicamente marginalizados não apenas em vida, mas também após a morte. Os dados revelam distinções espaciais e materiais que indicam desigualdades étnicas, sociais, etárias, culturais e econômicas inscritas nos próprios modos de enterrar. Assim sendo, este texto é uma reflexão do quanto estes espaços segregaram e silenciaram povos e culturas por meio da opressão, política, social, religiosa e cultural. **Palavras-Chave:** Igreja católica, Segregação, Morte, Práticas de enterramento.

**Abstract:** This study aims to present data from the archaeological excavations carried out at the site of the Church of Our Lady of Conception in the city of Marechal Deodoro (AL), in order to reflect, through empirical evidence and the information contained in technical reports, on the elements of segregation also present in burial rites. The analysis of the burials shows that Catholic religious practices functioned as symbolic mechanisms of exclusion, erasing the memory of historically marginalized groups not only in life but also after death. The data reveal spatial and material distinctions that indicate ethnic, social, age-related, cultural, and economic inequalities inscribed in the very ways of burying. Thus, this text reflects on how these spaces segregated and silenced peoples and cultures through political, social, religious, and cultural oppression. **Keywords:** Catholic Church, Segregation, Death, Burial Practices.

---

<sup>i</sup> Instituição: Universidade Federal do Vale do São Francisco – Univasf  
E-mail: jeferson.fs@discente.univasf.edu.br

## Introdução

Os estudos sobre morte no âmbito da Arqueologia surgem a partir de mudanças epistemológicas que redirecionaram o olhar da disciplina. Antes centrada na simples descrição e classificação de objetos e restos humanos, a Arqueologia passou a entender que a materialidade, por si só, não era suficiente para representar os significados que a morte e o morto expressavam e ainda expressam nos contextos arqueológicos. Essas mudanças, que ocorreram no arcabouço histórico-cultural, foram fundamentais para que outras possibilidades de interpretações pudessem ser alcançadas. Nesse sentido, os questionamentos de Childe (1942) — sobre quem, como, onde ou por que — surgem justamente da limitação desse modelo teórico em responder a tais perguntas. O que contribuiu para o fortalecimento de uma abordagem mais analítica, como a Arqueologia Processual, influenciada por Lewis Binford e David Clarke, que buscava oferecer respostas sempre fundamentadas em hipóteses testáveis. Mesmo assim, o modelo Processual acaba sendo confrontado pelos aspectos mais subjetivos da Arqueologia Pós-Processual, propostos por grandes nomes como Hodder (1978,1982), Trigger (1989) e Renfrew e Bahn (1993).

É nesse contexto de mudanças teórico-metodológicas que a presente investigação se desenvolve, tendo como finalidade analisar, a partir de dados arqueológicos coletados no sítio da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Marechal Deodoro (AL), como as práticas de enterramento refletiam — e reforçavam — desigualdades sociais no período colonial. A investigação parte da constatação de que o espaço funerário, mesmo em locais religiosos que pregavam a igualdade diante da morte, era estruturado por critérios de classe, etnia e prestígio social. Por meio de uma abordagem interdisciplinar, que articula Arqueologia da Morte, Antropologia e História, compreende-se que o tratamento dado aos mortos expressava valores ideológicos e simbólicos da sociedade colonial.

Em razão dessas transformações, Strauss (2012), a Arqueologia da Morte emerge na década de 1970 com um enfoque renovado na análise dos vestígios mortuários, refletindo uma mudança significativa na disciplina. Em vez de apenas documentar os elementos contextuais oriundos dos vestígios de remanescentes biológicos humanos, os pesquisadores passaram a adotar uma abordagem mais integrada, explorando além dos aspectos bioantropológicos evidências que contribuísse para a compreensão das estruturas sociais e dos sistemas de crenças das sociedades antigas. Essa abordagem não apenas ampliou o escopo da investigação sobre a

morte, mas estabeleceu um diálogo interdisciplinar mais robusto com a Antropologia e outras ciências, permitindo uma compreensão mais abrangente das práticas mortuárias e seu impacto na vida social e cultural dos povos pretéritos.

A partir desse novo olhar arqueológico, tornou-se necessário refletir sobre a morte enquanto fenômeno social e cultural, revelador das estruturas e valores das sociedades que a enfrentam. A morte, não pode ser interrompida pelos limites territoriais ou temporais, e jamais poderá ser evitada. Essa mesma morte segundo Caputo (2008), provoca medo e incertezas, pois não se sabe o dia, a hora o destino, uma vez que não existem relatos de alguém que voltou dos mortos para falar quão desagradável ou agradável é morrer. A morte que mesmo alcançando a todos acaba sendo dividida entre classes sociais, que deixam vestígios que são compreendidos nesse sentido por Costa (2012), como uma janela de possibilidade que permite entender as sociedades do passado. Sendo defendida por esse mesmo autor em suas abordagens como uma das maiores provas de compreensão das dinâmicas sociais, culturais e ideológicas que refletem não apenas o fim da existência biológica, mas que revela o quão profundo e enraizado os costumes das sociedades estão impregnados entre a morte e o morto.

Em razão disso, pode se dizer que ao longo da existência da humanidade, os povos se distinguiram por inúmeras características, fossem elas de classe social, princípios filosóficos, religiosos, culturais ou étnicos. Logo, a ideia de igualdade humana acaba sendo construída a partir de uma narrativa ideológica, criada como uma ferramenta sociocultural controladora e segregacionista, que nem mesmo a morte foi — ou é — capaz de igualar. A partir dessa breve reflexão, percebe-se que a ideia de equidade da morte, outrora defendida pela instituição da Igreja Católica durante o período colonial no Brasil, não pôde ser sustentada nem mesmo pelos seus próprios costumes dogmáticos, os quais não foram capazes de ocultar a separação entre os seus fiéis, tornando-se evidente, por meio das práticas de inumação, que nem todos eram considerados dignos de permanecer no mesmo espaço (Reis, 1991).

Dessa forma, o pensamento de paridade inserido no imaginário dos cristãos católicos tem-se revelado contraditório, pois a presença de remanescentes biológicos humanos e a cultura material evidenciada nos templos sagrados dos séculos passados confronta o discurso doutrinário ideológico da Igreja Católica do Brasil Colônia, que outrora se apresentou como não excludente ao afirmar que a justiça e a salvação eram destinadas igualmente a todos. Essa cosmovisão fundamenta-se nos textos bíblicos, a exemplo, “Reconheço, por verdade, que Deus

não faz acepção de pessoas; mas que lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, o teme e faz o que é justo” (Atos 10:34–35, Bíblia Sacrada).

No entanto, o pensamento supracitado no versículo bíblico, **acaba se mostrando** contraditório com a realidade vivida por alguns grupos católicos **no** período colonial, visto que o princípio fundamental da salvação da vida foi constantemente negado a determinadas populações entre os séculos passados. **Se assim não fosse**, não haveria necessidade de diferentes irmandades religiosas serem constituídas, cuja intenção era garantir o direito **ao** “bem morrer”, mas **que, ao mesmo tempo, evidenciavam** as diferenças econômicas, étnicas, culturais e sociais (Magalhães, 2018, p. 35). Nesse sentido, Curvelo (2017) corrobora com essa interpretação ao afirmar que, **tais** agremiações foram constituídas com base em princípios hierárquicos e étnicos, nos quais cada indivíduo ocupava um determinado lugar na estratificação social.

Além disso, conforme argumentam Reis (1991) e Magalhães (2018), os templos católicos cumpriam não apenas funções litúrgicas, mas também políticas, sociais e econômicas, funcionando como espaços de congregação da comunidade local. Nesse contexto, a morte e os mortos desempenhavam papel relevante, pois, durante séculos, os indivíduos que haviam cessado a vida biológica continuavam presentes na vida social cotidiana. Isso se deve ao fato de que os espaços religiosos também eram destinados ao descanso dos corpos e das almas, ou seja, essas múltiplas funções reforçavam o papel central da Igreja na vida dos fiéis católicos, inclusive no que diz respeito às práticas funerárias, uma vez que os templos católicos foram utilizados como cemitérios por um longo período dos séculos passados.

Este texto se mostra relevante ao evidenciar, por meio da Arqueologia da Morte, como as práticas funerárias serviram como reflexo e mecanismo de manutenção das desigualdades sociais no período colonial brasileiro. A análise dos contextos de sepultamento, neste caso em específico dentro e fora da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, da cidade de Marechal Deodoro, contribui de maneira holística, para o entendimento das relações de poder, exclusão e identidade que persistiram mesmo após a morte. Além disso, o artigo favorece o aprofundamento de estudos arqueológicos que se centram nas investigações voltadas para os espaços religiosos católicos, o que, por sua vez, contribui para a construção de novas linhas de investigações e interpretações em contextos semelhantes.

## Metodologia

A finalidade do presente texto é lançar uma provocação que se centra na observação das possíveis práticas de enterramento, as quais demonstram, em suas configurações, o quanto a narrativa eurocêntrica, colonialista e, conseqüentemente, religiosa separava povos por questões étnicas, culturais, etárias e econômicas. Para tanto, adotou-se uma abordagem interdisciplinar, integrando conceitos da Arqueologia da Morte, Antropologia e História, além das contribuições dos aspectos arqueotanológicos observados entre os vestígios ósseos e as estruturas funerárias. A metodologia envolve a apresentação de dados coletados *in situ*, tais como a tipologia de inumações evidenciadas no interior e no exterior, os espaços ocupados e a orientação da deposição cadavérica, por compreender que esses aspectos contribuem para a percepção das preocupações com o ato de enterrar — o que reflete diretamente os esforços intencionalmente aplicados nessa ação.

## Morte, poder e memória: as contribuições das multidisciplinaridades científicas

A partir de uma perspectiva antropológica, que compreende a morte e seus rituais como expressões culturais e simbólicas carregadas de poder, é possível observar que as investigações em sítios arqueológicos que apresentam restos biológicos humanos têm sido conduzidas de forma muito mais abrangente do que ocorria anteriormente. Esse entendimento fundamenta-se em argumentos semelhantes aos de Renfrew e Bahn (1993), segundo os quais os estudos sobre as sociedades do passado devem ultrapassar uma visão limitada à cultura material. Visto que aspectos simbólicos, sociais e culturais precisam ser considerados, uma vez que a presença do agente humano deve ser entendida como expressão de um sujeito que transforma e ressignifica o espaço e o tempo.

Ao considerar as concepções sobre a individualidade humana é importante reconhecer a percepção de Girardi Jr. (2017) sobre os conceitos de Pierre Bourdieu, para quem o ambiente é carregado por diversos significados simbólicos e segundo o qual tais espaços não surgem de uma ideologia de neutralidade. Ao contrário, são construídos dentro de uma cadeia ideológica que reforça e legitima tanto a identidade quanto a desigualdade entre os povos.

Exposto isto, a relação de poder entre povos é recorrente e se manifesta historicamente em diferentes formas de dominação simbólica, pois Bourdieu (1989) diz que o poder simbólico

altera a percepção dos indivíduos e da realidade, tornando-os receptivos a ideologias, que atendem as próprias necessidades. Isso acaba promovendo, nas palavras de Rosa (2017, p. 6), “uma competição contínua visando à aquisição e ao controle de diversas espécies de poder ou capital”.

Estas perspectivas tornam-se ainda mais consistentes quando observamos os apontamentos de Rosa (2017), que aborda os aspectos teóricos e metodológicos expostos por Michel Foucault no que diz respeito ao poder. Para Foucault, trata-se de um poder o que é doutrinário, no qual a relação de poder disciplinar é construída e mantida por meio de mecanismos de controle e normatização dos corpos e das condutas, ou seja, a compreensão proposta por essa abordagem condiciona os indivíduos a aceitarem que sua existência é socialmente construída, moldada por imposições externas — provenientes de grupos ou instituições — que, de forma sutil, regulam seus comportamentos, crenças e identidades. Dessa maneira, o espaço funerário torna-se não apenas um reflexo das desigualdades sociais em vida, mas um dispositivo simbólico e disciplinador que legitima essas hierarquias mesmo após a morte.

É nesse ponto que a contribuição da Arqueologia se mostra crucial. Ao abordar contextos de inumação, em especial os espaços sagrados como é o caso dos templos católicos, porque esses locais, além de apresentarem a cultura material das práticas funerárias, são carregados de significados simbólicos e costumes que possibilitam compreender a estratificação social. Além do mais, Borella (2022) corrobora essa narrativa, ao enfatizar, ainda que a morte seja uma realidade biologicamente inescapável, esta inevitavelmente concentra-se no âmago da sociedade, ou seja, qual a importância daquele indivíduo para sua sociedade, qual o status desta persona social para a sua comunidade?

Assim sendo, percebe-se que a morte vai além do fim biológico, pois carrega implicações sociais profundas. A maneira como os mortos são tratados, onde são enterrados, como são lembrados ou como são esquecidos, demonstram não apenas a importância do indivíduo para sua sociedade, mas revela as estruturas simbólicas que sustentam a memória, o status e o poder. Nesse sentido, como propõe Borella (2022), a morte está no âmago da sociedade, porque ela reflete de forma individualizada crenças, valores e por conseguinte status social. Logo, a morte biológica pode não representar o fim da existência do indivíduo, uma vez que a sua presença social pode ser perpetuada ou apagada.

## Breve História de Marechal Deodoro/AL

A cidade de Marechal Deodoro, localizada no estado de Alagoas, é um importante ponto de referência histórico e cultural. Conforme exposto por Ferrare (2014), a região passou por distintos momentos de ocupação, sendo relatado que os povos Caetés a habitavam antes da chegada dos grupos europeus. A atual cidade integrou, anteriormente, a divisão de terras por capitânicas, estando sob os domínios territoriais da Capitania de Pernambuco. Ainda segundo a autora, a ocupação por grupos europeus teve início por volta do século XVI. A região passou por um processo de crescimento populacional e desenvolvimento econômico voltado para a produção de açúcar, sendo elevada, no início do século XVII, à categoria de Vila de Madalena do Sul. De acordo com Pereira (1995), foi apenas no século XX que o município passou a se chamar Marechal Deodoro, em uma forma de gratidão e homenagem ao primeiro presidente da história do Brasil, Marechal Deodoro da Fonseca, proclamador da República.

## Corpos e Espaços: As evidências arqueológicas na Igreja de Nossa Senhora da Conceição

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição está localizada na região mais alta da cidade de Marechal Deodoro, dentro do perímetro territorial que abrange o conjunto arquitetônico e urbanístico no município. Ainda assim, é necessário destacar que o referido templo religioso cristão católico, que constitui um dos elementos fundadores deste texto, não compõe o agrupamento de patrimônios tombados<sup>1</sup>. de Marechal Deodoro, Alagoas. Ademais, conforme as justificativas apresentadas pela Dr<sup>a</sup> Karina Pinto, define-se o sítio arqueológico no qual os remanescentes osteológicos e os demais vestígios de cultura material, descobertos durante as escavações deliberadas, demonstra, segundo Pinto et al. (2022), uma variedade temporal e cultural exposta em suas camadas estratigráficas, devendo ser compreendido como um sítio arqueológico pré-colonial e colonial, sendo esse considerado, diante os conceitos teórico-metodológicos como um sítio de contato.

O sítio apresentou, nas escavações realizadas entre 2017 e 2018, segundo Pinto et al. (2018), mais de 40 indivíduos esqueletizados, onde perceberam-se enterramentos primários e

---

1 Disponível em: Página - IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

O conjunto arquitetônico e urbanístico de Marechal Deodoro, no estado de Alagoas, foi tombado pelo Iphan, em 2006. A área definida para proteção envolve três locais descontinuados - o Centro, a área do Carmo e a área de Taperaguá - todos com elementos de interesse, devido à sua importância histórica e relevância paisagística. No entanto, apesar de a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição estar localizada no Centro Histórico, que foi tombado a nível federal, ela própria não foi incluída no Livro do Tombo, embora tenha sido solicitada sua inclusão em 1983. Acesso: 29/08/2024.

secundários. Além disso, observou-se que a unidade de escavação realizada no entorno da igreja, na orientação Sul do templo, foi praticamente composta por indivíduos não adultos sendo estas informações relatadas no relatório final da pesquisa, não sendo apresentada uma orientação única dos remanescentes esqueletizados.

Além disso, percebeu-se que o conjunto de quadrículas escavadas no lado Oeste da Igreja Matriz, foi composto por alguns indivíduos com características anatômicas alteradas que, conforme Carvalho e Carvalho (2021), apresentavam traços morfológicos negroides, além de apresentarem, em sua arcada dentária, evidências de alterações intencionais. Foi possível observar que no entorno do templo, em todas as áreas de enterramento nas quais foram evidenciados restos ósseos — independentemente de se tratar de inumações primárias ou secundárias — a ausência de evidências de esquife ficou explícita, assim como a aleatoriedade na orientação dos corpos no momento da deposição na cova.

No entanto, as escavações realizadas no interior do templo, entre 2021 e 2022, expuseram uma configuração distinta nas áreas com presença de restos biológicos humanos. Observou-se que, na maioria dos casos, os corpos foram dispostos no momento da inumação com a cabeça voltada para o Norte do templo e os pés em voltados para altar central, quase sempre posicionados em decúbito dorsal. Houve evidências claras da utilização de caixões, configurando enterramentos primários realizados em espaços previamente escavados. Também foi constatada uma acentuada degradação das partes anatômicas dos indivíduos, variando entre os sepultamentos — alguns mais, outros menos afetados pelos processos tafonômicos. Sendo considerados os elementos presentes nas covas como tecidos, madeiras e metais, além do uso de óxido de cálcio, que, conforme Reis (1991), era utilizado recorrentemente para reduzir o odor dos corpos em decomposição.

Em razão destas observações, percebe-se uma nítida discrepância nos cuidados destinados aos sepultamentos realizados dentro e fora do templo. Enquanto os enterramentos internos revelam maior organização espacial, com orientação padronizada dos corpos e uso evidente de caixões, os sepultamentos externos mostram menor preocupação com a disposição dos indivíduos, ausência de esquifes e orientação corporal aleatória. Além disso, chama atenção o fato de que alguns dos indivíduos sepultados do lado de fora apresentavam traços morfológicos associados a grupos com características étnicas negroides, sugerindo distinções baseadas em critérios étnico-culturais no momento do enterramento. Esses dados reforçam a hipótese de que havia uma separação simbólica e social no uso do espaço funerário, refletindo

desigualdades profundas mesmo após a morte. Semelhantemente, os remanescentes biológicos humanos evidenciados na parte Sul do templo, apresenta de maneira nítida a possível intencionalidade de separar também por idade biológica, pois a grande maioria dos indivíduos tratava-se de restos ósseos biologicamente de não adultos.

## Discussão

Ao observar cada uma das configurações e, conseqüentemente, cada uma das áreas de sepultamento escavadas no período já mencionado, percebe-se, ainda que os dados expostos neste texto sejam superficiais quanto aos detalhes que envolveram a pesquisa e o sítio arqueológico em questão, notou-se, de forma muito explícita, que elementos corroboram para uma reflexão quanto à separação dos corpos no espaço. Tavares (2006), em sua dissertação, traz elementos de sincretismo religioso da pesquisa que foi realizada na Sé de Salvador, coordenada pelo Dr. Carlos Alberto Etchevarne, o que, de forma clara, deixou evidente o fato de adotar os costumes religiosos católicos não era garantia de ser considerado igual perante os olhos da Igreja Católica.

Semelhantemente, Carvalho e Carvalho (2018) acabam trazendo uma abordagem que reverbera sobre os aspectos étnicos, ao analisar os traços morfológicos dos indivíduos enterrados na lateral Oeste do templo, o que traz ainda mais elementos de que os espaços não eram comuns a todos os povos. Além do mais, o fato de os indivíduos não adultos terem sido tão mais evidentes na parte Sul — sendo esta os fundos do templo — segundo Franco e Campos (2004), está relacionado ao fato de que não ser batizado refletia na impossibilidade de ser enterrado em locais que pudessem garantir a salvação, sendo assim inumados em qualquer lugar da área externa. No entanto, não se pode deixar de enfatizar que os povos não livres, quase sempre, não tinham condições financeiras para serem enterrados em locais de prestígio.

Por fim, e não menos importante:

De um modo geral, pessoas de qualquer condição social podiam ser enterradas nas igrejas, mas havia uma hierarquia do local e do tipo de sepultura. Uma primeira divisão se fazia entre o corpo, parte interna do edifício, e o adro área em sua volta. A cova no adro era tão desprestigiada que podia ser obtida gratuitamente. Ali se enterravam escravos e pessoas livres muito pobres (Reis, 1991, p. 175).

Diante disso, cada uma das observações expostas não apenas demonstra que os espaços eram distintos para cada grupo social, mas expõe uma doutrina cristã segregacionista, que determinava quem poderia ser enterrado conforme os preceitos religiosos cristãos — os quais, por sua vez, não estavam verdadeiramente comprometidos com o que, de fato, era determinado pelos princípios cristãos.

### **Considerações Finais**

As evidências arqueológicas analisadas ao longo deste estudo revelam que, embora a morte atinja a todos, ela não é experienciada nem representada de forma igualitária nas práticas funerárias. Observa-se que o discurso da Igreja Católica nos séculos passados pregava uma doutrina que nem ela mesma cumpria, tornando evidente a existência de distinções nas formas de sepultamento, bem como nos espaços destinados a esses ritos — seja no interior do templo, seja em seu adro. A disposição dos indivíduos, a presença ou ausência de caixões, a localização dos sepultamentos, assim como fatores culturais, raciais, étnicos e etários, evidenciam que nem todos eram considerados dignos do mesmo tratamento após a morte. Suas crenças, valores, ideologias e costumes os tornavam diferentes aos olhos da sociedade e da própria Igreja.

Nesse contexto, compreender o ato de enterrar é também interpretar as relações de poder e os dispositivos simbólicos que atuavam sobre os corpos — vivos e mortos. Cada sepultamento carrega intencionalidades que vão além da função prática de dispor os mortos: eles constroem narrativas sobre quem merece ser lembrado, onde e como. E, assim como em vida, nem todos recebiam o mesmo tratamento diante da morte.

As práticas observadas no sítio da Igreja Nossa Senhora da Conceição, sobretudo nas distinções entre os sepultamentos internos e externos, revelam uma separação que não era apenas física, mas social, étnica e etária. Os dados arqueológicos apontam que, mesmo diante da finitude biológica, certas vidas continuaram sendo colocadas à margem, reafirmando estruturas de dominação simbólica que atravessaram o tempo e se inscreveram no solo como testemunhos silenciosos da exclusão.

Portanto, aqui apresenta-se não é apenas um panorama técnico das práticas funerárias coloniais em Alagoas, mas uma leitura crítica sobre como a morte — longe de ser uma instância niveladora — foi, e ainda é, um campo de disputas, controle e memória. Espera-se que estas reflexões contribuam para novas investigações que se aprofundem na complexa relação entre

espaço sagrado, desigualdade social e construção simbólica da morte nos contextos históricos do Brasil.

## Referências

BÍBLIA SAGRADA, 2018. Bíblia Sagrada. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada no Brasil. 3. ed. (Nova Almeida Atualizada). Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil.

BORELLA, A. C. A., 2022. Da tafonomia funerária às práticas mortuárias: um estudo de caso do sítio arqueológico Caixa d'Água (Buritzeiro - MG). Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade de São Paulo, São Paulo.

BOURDIEU, P., 1989. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

CAPUTO, R. F., 2008. O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. Revista Multidisciplinar da Unesp [online], pp. 73-80. Disponível em: [http://unesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20080530105642.pdf](http://unesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20080530105642.pdf) [Acesso em 23 out. 2025].

CARVALHO, L. M. S. e CARVALHO, O. A., 2022. Dados bioculturais inferem práticas ritualísticas de afro-brasileiros no Nordeste do Brasil. *Clio Arqueológica*, 37(1), pp. 1-44. DOI: 10.51359/2448-2331.2022.254542.

CHILDE, V. G., 1942. What happened in history. Harmondsworth: Penguin Books.

COSTA, D. M., 2012. Estudos Mortuários em Arqueologia Pré-Histórica e Histórica: de espelho etnográfico à máscara social. *Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia*, 10(1), pp. 105-114.

CURVELO, A. A. S. C., 2014. O senado da câmara de Alagoas do Sul: governança e poder local no Sul de Pernambuco (1654–1751). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

FERRARE, J. O. P., 2014. A cidade Marechal Deodoro: do projeto colonizador português à imagem do "Lugar Colonial". Maceió: EDUFAL, Editora da Universidade Federal de Alagoas.

FRANCO, R. e CAMPOS, A. A., 2004. Notas sobre os significados religiosos do Batismo. *Varia História*, 31, pp. 21-40.

GIRARDI JUNIOR, L. P. B., 2017. Mercados linguísticos e poder simbólico. *Revista Famecos*, 24(3), p. e25978.

HODDER, I. (ed.), 1978. The spatial organization of culture. London: Gerald Duckworth and Co.

HODDER, I., 1982. Symbols in action. Cambridge: Cambridge University Press.

MAGALHÃES, A. C., 2018. Igrejas, Conventos, Cemitérios: o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade colonial Marechal Deodoro, Alagoas. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

PEREIRA, G., 1995. Construindo Alagoas: estudos sociais. São Paulo: FTD.

PINTO, K. L. M. et al., 2018. Pesquisa Arqueológica no Largo da Matriz, Município de Marechal Deodoro, Estado de Alagoas (Relatório Final). Maceió: Iphan – AL.

PINTO, K. L. M. et al., 2022. Projeto de Restauro da Igreja Matriz, Município de Marechal Deodoro, Estado de Alagoas (Relatório Final). Maceió: Iphan – AL.

REIS, J. J., 1991. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras.

RENFREW, C.; BAHN, P., 1993. Arqueología: teoría, métodos y práctica. Madrid: Akal.

ROSA, T. B., 2017. O poder em Bourdieu e Foucault: considerações sobre o poder simbólico e o poder disciplinar. Revista Sem Aspas, 6(1), pp. 3–12. DOI: 10.29373/semaspas.v19n1.2017.9933. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/9933> [Acesso em 23 out. 2025].

TAVARES, Á. C. P., 2006. Vestígios materiais nos enterramentos na antiga Sé de Salvador: postura das instituições religiosas africanas frente à Igreja Católica em Salvador no período escravista. Revista de Arqueologia, 19(1), pp. 143-160.

TRIGGER, B. G., 1989. A History of Archaeological Thought. Cambridge: Cambridge University Press.